

Divisão interna ameaça os dois maiores partidos

HÉLIO DOYLE

BRASÍLIA — Os dois partidos que construíram a Nova República e têm as maiores bancadas no Congresso começam o ano sem saber quem serão seus candidatos à Presidência da República. Afundados em graves divergências internas, o PMDB e o PFL, não só não têm candidatos como dificilmente sairão do mesmo tamanho das convenções nacionais, que realizarão em março, para renovar seus diretórios nacionais e, seguramente, discutir a sucessão presidencial.

A indefinição dos dois maiores partidos, enquanto os que fazem oposição ao governo Sarney já estão com seus candidatos em campanha, tem um alcance político ainda maior: os setores que no espectro político tradicional se situam no centro e na direita não têm candidato à Presidência, embora desde que foram conhecidos os resultados das eleições municipais estejam desesperadamente à procura de um em condições de derrotar Leonel Brizola, do PDT, e Luiz Inácio Lula da Silva, do PT.

A idéia inicial era lançar um candidato único pelo PFL, PDS, PL, PTB e PDC. Depois, acrescentou-se o PSDB à lista. Mas o PL já lançou a candidatura do deputado Guilherme Afif Domingos, que tem declarado não querer composições. O candidato do PDS é o senador Jarcas Passarinho, que não foi mais às reuniões da "coligação". O PSDB só aceita acordos se o senador Mário Covas, candidato do partido, for o cabeça da chapa. O candidato do PTB é o senador Affonso Camargo, que poderia retirar seu nome em favor da unidade, mas muita gente no partido pensa no ex-prefeito Jânio Quadros e no empresário Antônio Ermírio de Moraes.

Outro empresário, Sílvio Santos, vem tendo conversas com o presidente do PFL, senador Marco Maciel, um dos maiores defensores do candidato único de "centro liberal-progredista" e que quer um nome eleitoralmente forte. Maciel, porém, lidera apenas uma das alas do partido. Outra prefere o ex-ministro Aureliano Chaves e outra ainda, liderada pelo ministro Antônio Carlos Magalhães, das Comunicações, quer um candidato forte que possa derrotar Lula e Brizola, mas sem muitas concessões à centro-esquerda. Antônio Carlos

pensa em Jânio Quadros e ultimamente fala muito no empresário e ex-governador do Paraná Jayme Canet Júnior. O certo é que o PFL não ficará unido depois de sua convenção e esses três grupos não terão os mesmos candidatos.

O PMDB também não ficará unido depois de sua convenção, em 12 de março. Os ulyssistas conversam com os históricos (a esquerda do partido) para formar o novo Diretório nacional, enquanto os moderados ligados ao governo Sarney articulam por outro lado. Ulysses Guimarães, que era o candidato natural do partido até as eleições municipais, não é mais. Os históricos preferem os governado-

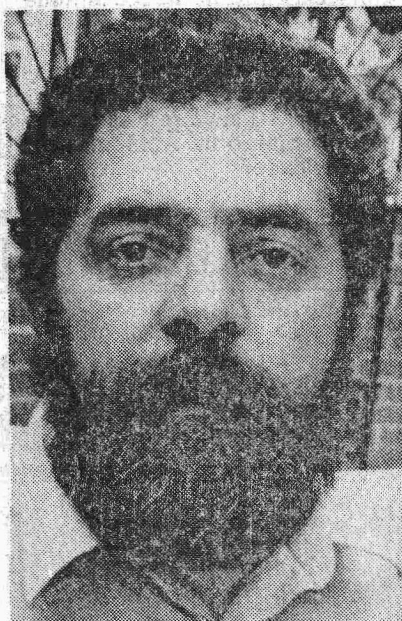
res Miguel Arraes, de Pernambuco, e Waldir Pires, da Bahia; alguns gostariam de apoiar Mário Covas. Os moderados buscam o tal candidato com força política e eleitoral para derrotar os identificados com a esquerda. Assim como no PFL, os três grupos não continuarão juntos e não terão o mesmo candidato.

Há outros candidatos já lançados, como o deputado Roberto Freire, do PCB, e o governador Fernando Collor, de Alagoas, que ainda não tem partido. A União Democrática Ruralista (UDR) ainda não decidiu se lança ou não seu líder Ronaldo Caiado, mais propenso a ser deputado federal em 1990.

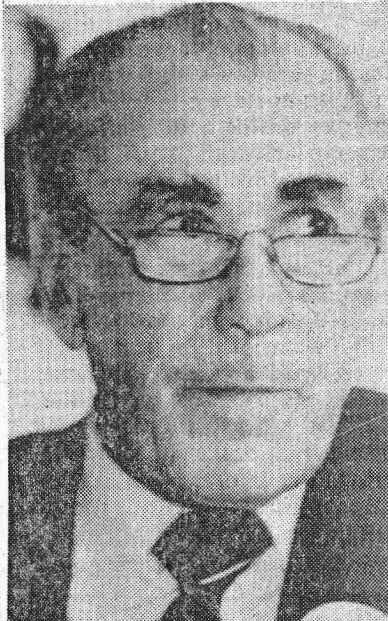


Protásio Nêne/AE — 3/8/88

Ulysses: ex-candidato natural, cada vez mais isolado



Sérgio Amador/AE — 17/11/88



Ricardo Chaves/AE — 16/12/88

Lula e Brizola: favorecidos pelas eleições municipais